

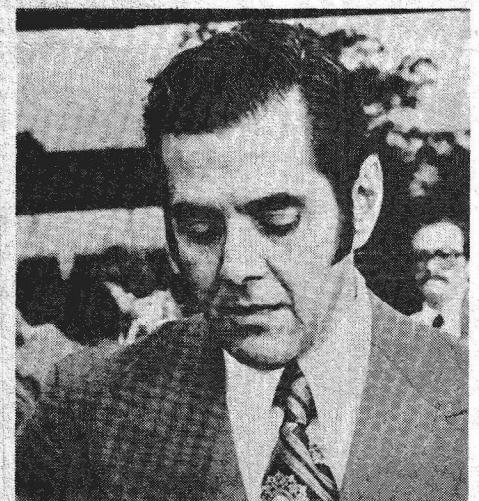
Saúde 3



Para o chefe do Gabinete Civil os viadutos eram importantes. "Mas agora outras áreas terão a atenção do Governo"



O presidente da Fundação Hospitalar reconhece que a entidade está desatualizada para "dar conta do recado"



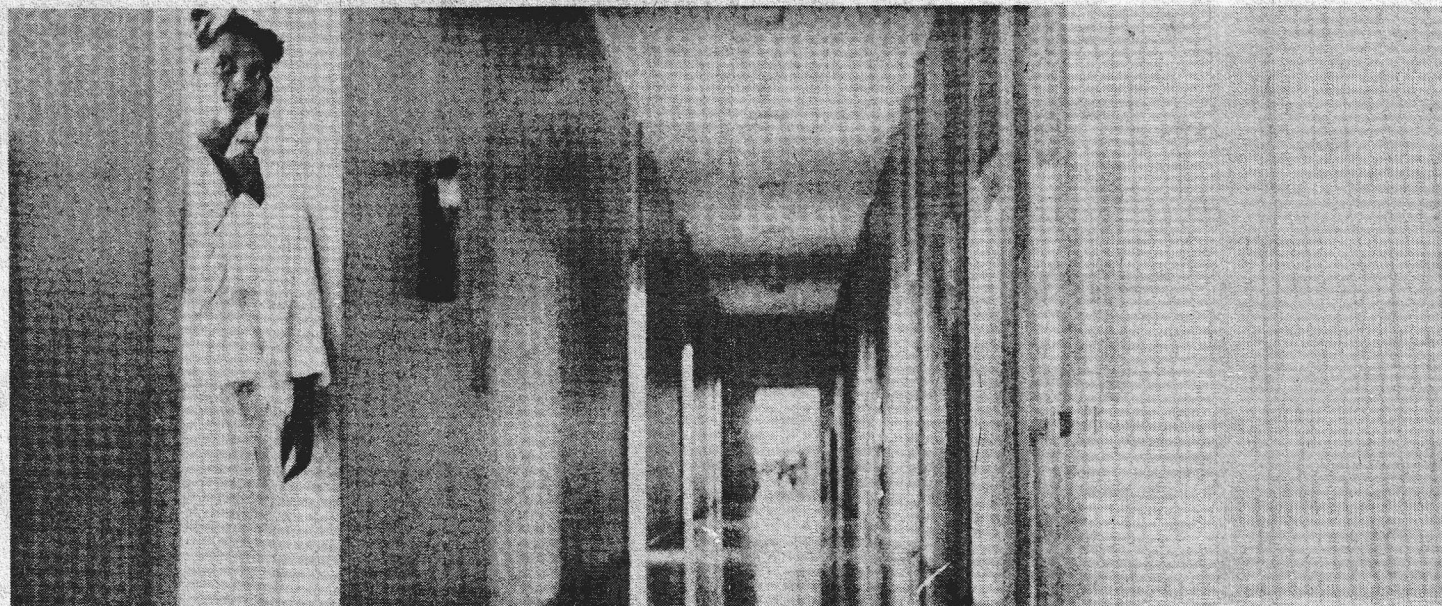
Governo aplicará um bilhão na saúde e no saneamento básico

O Governo do Distrito Federal pretende lançar-se, este ano, num verdadeiro rush de trabalho na área da saúde, setor que, segundo o chefe do Gabinete Civil do governador Elmo Farias, Jorge Motta e Silva, receberá grande parte das atenções dos atuais administradores. Somando-se os quase 400 milhões de cruzeiros destinados, no Orçamento, ao setor da saúde aos 680 milhões previstos na quota do GDF junto ao Planasa, saúde e saneamento formarão, em 1976, os principais objetivos da atual administração.

— Durante o ano que passou, muito se falou sobre a preocupação do Governo para com o setor viário, o que é compreensível pois dá-se maior atenção aquilo que se vê. As obras naquele setor, viadutos, e mais viadutos, tiveram grande significação para a cidade.

— Contudo, prossegue, nós não ficamos só, naquilo, durante o ano que passou. Outras áreas mereceram a devida atenção e uma delas é a saúde.

Segundo Jorge Motta e Silva, durante todo o ano de 1975 a Fundação Hospitalar do Distrito Federal planejou minuciosamente diversos esquemas e medidas que serão atacados



A rede hospitalar de Brasília conta com 3,7 leitos para cada mil habitantes. Mas o Governo quer atingir os níveis de São Paulo: 6,4.

este ano, compreendendo, sobretudo, a ampliação da capacidade instalada da rede hospitalar.

— Algo de grandioso será feito nessa área, este ano, no Distrito Federal em busca de melhor atendimento à população. Esse trabalho não será feito somente na área de ampliações e construção de novos hospitais, mas também na área administrativa com melhores salários e pessoal melhor qualificado e em maior número.

A capacidade instalada da rede hospitalar inclui, atualmente, 2.782 leitos, 20% dos quais pertencentes ao setor privado. Ainda este ano esse número poderá ser acrescido de mais mil leitos com a construção de um hospital na Ceilândia, outro para o setor psiquiátrico em Taguatinga, ampliação do HDL-2, do Hospital do Gama e conclusão do 3.º HDB, na Asa Norte.

Além disso, segundo a Fundação Hospitalar, pretende-se também construir novos postos e saúde, dinamizando-se o seu funcionamento para maior eficácia de assistência ambulatorial.

Com as novas normas hospitalares, a vigorarem ainda este ano, a Fundação Hospitalar do Distrito Federal, de posse também de uma nova tabela de pessoal, pretende sistematizar o atendimento ao público, assim como elevar o nível desse atendimento.

O grande problema enfrentado pelo público atualmente, na área da saúde, é a demora no atendimento ambulatorial, havendo consultas que só têm condições de serem feitas três meses depois de marcadas.

Além desse contratempo há, ainda, a odisséia vivida pelo paciente para marcar a consulta. Ele vai de fila em fila as quais se arrastam morosamente esgotando a paciência de qualquer um.

O indivíduo à procura de atendimento médico tem, ainda, que enfrentar o mau humor do pessoal que trabalha nos hospitais, de uma maneira geral desqualificado para tais funções.

Na maioria dos casos esse mau atendimento é causado pelas condições oferecidas pela falha estrutura da Fundação Hospitalar, fato reco-

nhecido pelo seu próprio presidente médico Paulo Rios.

— Brasília cresceu assustadoramente, sua população superou as mais otimistas previsões enquanto a Fundação Hospitalar manteve sua antiga estrutura. Não cresceu, parando no tempo e no espaço e por isso, hoje acha-se incapacitada para atender, com eficácia as necessidades de sua clientela.

Essa é a principal preocupação do Governo do Distrito Federal com relação ao setor da saúde e é aí que trabalham os técnicos da FHDF buscando soluções mais adequadas para reforçar a infra-estrutura do organismo.

— Não podemos oferecer um melhor atendimento à população, nem acabar com as filas e a demora das consultas sem antes resolvermos nossos problemas internos, diz Paulo Rios.

— De nada valeria contratar mais médicos se não dispomos de pessoal para-médico para constituir a base do processo de consulta. E, além do mais, pessoal especializado é difícil

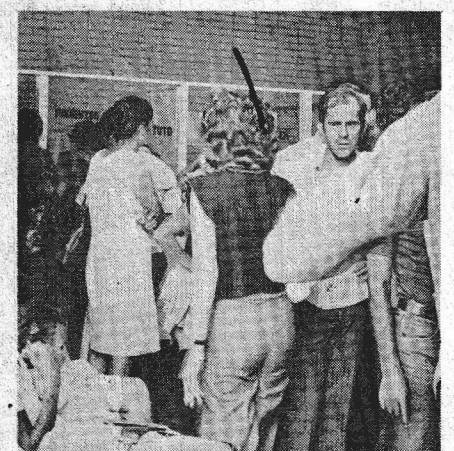
de encontrar, cabendo à Fundação formar especialistas a fim de que possa atingir o seu objetivo.

Segundo se depreende das estatísticas oficiais, os maiores problemas da Fundação Hospitalar do Distrito Federal são administrativos, pessoal reduzido, baixos salários e falta de qualificação profissional.

Em matéria de estrutura a rede hospitalar goza de privilegiada posição em relação a outras unidades da Federação, já que conta com 3,7 leitos para cada mil habitantes, enquanto que em São Paulo essa média é de 6,4 e, no Rio, de 5,5.

Com as ampliações e novas construções programadas para este ano essa situação será bem melhor, podendo chegar, até mesmo, a igualar-se com aqueles Estados mencionados, o que seria um grande passo, segundo Paulo Rios.

A preocupação do GDF para com o setor sanitário estende-se também ao saneamento, para onde canalizará vultosos recursos como forma de executar um melhor sistema de saúde preventiva, o que só é possível com a eliminação de várias causas prejudiciais à saúde da população, principalmente a água consumida.



Por enquanto, burocracia, espera e aborrecimentos no 1º HDB



Com Pronto-Socorro Central as filas vão acabar?